



Director literario:

Antonio Maria da Silva
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collares
PAPUSSE

Barraca de Tandoches



*Pim, Pam e Pum, sob a aragem
De uma certa manhazinha,
Descobrem um personagem,
Que estava pescando à linha.*



*Entre abafadas risotas,
Numa grande pagodeira,
Vão pregando um par de botas
A um pedaço de madeira.*



*Terminada a brincadeira,
Deitam as botas ao mar,
As quais, devido à madeira,
Ficam na água a bolar.*



*O pescador, que a pescar,
Cuidava da sua lida,
Vendo um naufrago a bolar,
Resolve salvar-lhe a vida.*



*E assim pensando assim faz;
Pondo-se logo a nadar,
Heroico — zás — catrapás...
Para um naufrago salvar.*



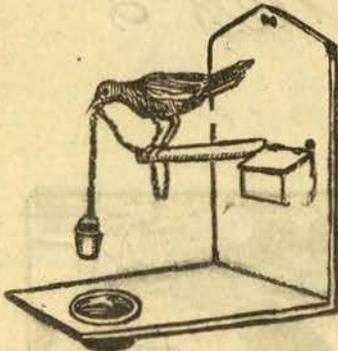
*Mas atingindo, esalfado,
A meta que objectivou,
Em vez de um pobre afogado,
Um par de botas salvou.*

O HOMEM E OS PASSARINHOS

Por MARIA LEONOR
LIMA BRANDES
Desenhos de
EDUARDO MALTA

DEUS fez em seis dias o mundo; ao sétimo descansou, e bem merecido foi o descanso, porque Deus fez em 6 dias o que jamais os homens conseguirão fazer em 6 mil anos.

Fez Deus o Homem, a Mulher e os animais das diversas espécies.



Ao Homem, disse Deus:

— «Tu serás o Rei dos animais!»

E nesta parte eu não concordo, (Nosso Senhor me perdôe) mas o rei dos animais

é o Leão. O Homem é só o carrasco dos animais.

Senão, vejamos:

— Deus fez o espaço que é infinito e dêle fez presente aos papagaios, aos piriQUITOS, aos canários, aos pintassilgos e a todas as outras ávezinhas. Deu-lhes as ásas para voárem pelo espaço, livremente.

E o Homem tudo quanto Deus criou, desrespeita.

Encarcéra os pobres passarinhos em pequenas jaulas, roubando-lhes, tão cruelmente, a liberdade a que teem direito! E mais repugnantes atrocidades pratica. Diz o meu pai, que há alguns que tiram os olhos a certas ávezinhas, só com o prazer de as ouvir cantar nas gaiólas, a que eu chamo prisões.

Eu pergunto aos meus amiguinhos:— «Conhecem os poleiros dos papagaios? Aonde se veem estes amarrados pelos pés com uma corrente!

Pois um senhor, que cá temos em casa, trouxe um desses poleiros com um lindo pintassilgo que

muito bem canta. E quem sabe o que êle dirá na sua misteriosa linguagem! Talvez isto:

— Tenha dó de mim, menina, solte-me desta prisão e deixe-me voar, voar!...

O que muito me arrepia é o póbrezinho, coitado, têr que puxar um dedal dum pequeno pôço para beber água, e abrir uma caixa para comer alpista!

Só quem vê, como eu em minha casa, todos os dias, o trabalho que o desgraçado tem para matar a sede e a fome, poderá bem avaliar o que êle sofre.

Quantas vezes lhe cai o balde ao pôço, sem que consiga beber uma gôta de água que outróra encontrava pelos campos com tanta abundância e sem nenhum trabalho.

Louvado seja Deus, como os homens parecem feras!

Mas eu juro-vos, meus amiguinhos, que um dia digo àquele senhor:

— «O meu gato comeu o seu pintassilgo!...



COLABORAÇÃO INFANTIL

O tostão partido



Um saloio que estava cavando numas terras achou um tostão, mas dando-lhe com a enxada partiu-o ao meio.

No dia seguinte, vem de propósito a Lisboa para que um ourives lhe componha o tostão.

O ourives fixa o freguês e ao vêr que tinha em sua frente um grande alarve pegou nos dois pedaços do tostão e disse-lhe:

—«Isto só daqui a uma hora poderá estar pronto.»

—«E' o mesmo, eu espero...»—respondeu-lhe o saloio.

Passada a hora, o ourives pegou num tostão novo e entregou-lho. O saloio, admiradissimo da perfeição do concerto perguntou-lhe o preço do trabalho.

—«Seis vintens.»—respondeu o ourives.

O saloio pagou e foi muito contente para a terra, dizendo a todos os conhecidos que encontrava:

—«Não há terra como Lisboa! Vejam vocês se descobrem por onde foi partido este tostão?!... Custou-me seis vintens mas ficou obra aseada.»

Lavre — 19 de Fevereiro de 1926.

Antonio Menezes d'Almeida de Freitas.

Freguês: — O senhor enganou-me.
Empregado: — Porque motivo.
Freguês: — Porque lhe pedi um chapéu de sêda mas o cabo é de madeira.

(Por Fernando Dias Peres).

Correspondencia

Meus amiguinhos:

Tendo terminado o concurso, vamos prestar um pouco mais de atenção aos nossos trabalhinhos, alguns dos quais revelam grande habilidade e talento.

Apesar do «Pim-Pam-Pum!» ser muito pequeno, reservaremos em todos os numeros um cantinho para colaboração dos leitores.

Contudo peço-lhes uma coisa: Quando nos mandarem colaboração, digam sempre que idade teem.

Sem esta observação, nenhum trabalho é publicado.

Amigo de sempre

TOTONIO

Redacção do «Pim-Pam-Pum!»
Rua do Seculo, 43, Lisboa.

Nistram. — Recebi o desenho. Espere a ocasião. Para a outra vez, desenha sobre papel sem linhas.

A. B. — Não lhe podemos dar ainda uma resposta positiva sobre o caso. Mas é natural que sim, em vista do successo alcançado pelo «Pim-Pam-Pum!»

Lili Ferreira. — Recebi a cartinha. Está desculpadíssima.

Não conheço o livro de que falas, mas manda alguma coisa para eu vêr e uma historia de ratinhos para eu ilustrar. Valeu?

Mário Valente. — O teu desenho está muito bonito, mas é pena ter sido feito a lapis. Manda outro a tinta preta. Sim?...

Fernando S. Tomás. — Estás satisfeito? Agora espera.

Alberto Osorio. — Não me lembro da adivinha. O desenho talvez seja publicado. Veremos.

Abel de Sousa Oliveira. — Estão muito interessantes. Enquanto ao serem publicados, não posso ainda responder.

Maria Helena Araujo. — Recebeste? Agradeço e espera a vez. Muitos beijinhos.

Ataide Santinho Coelho. — Recebi a carta. As anedotas estão traquinhas. Mas não desamines, manda outras melhores, num papel separado. Atendido?

Maria Amelia S. B. — Só agora recebi a tua carta.

Foi para concurso.

O jári decidirá. Quando tu fores crescida, já eu não sou tio! sou avô...

Laura da Silva. — O desenho que mandaste, já não pode ir para concurso mas é publicado. Que tal?

Edith e Maria Luiza de Chaley Lara. — Agora esperem.

José Flavio B. Martins. — Não posso por enquanto dar-lhe uma resposta positiva. Muito obrigado pela intenção.

TOTONIO



Meus meninos:
Se querem saber o motivo porque este homemzinho se assustou, liguem com um traço, pelo respectiva ordem, os números indicados nesta gravura,



ANGELA e VIOLETA

POR

MARIA DA ENCARNAÇÃO DIAS PENA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

ANGELA e Violeta, eram duas irmãs que viviam com o pai e a mãe numa linda casinha à beira-mar. Angela, a mais velha, era muito má; Violeta muito boa e tão modesta quanto Angela era vaidosa e amiga de luxo, apesar de o não poder ter. Num dia em que o pai e a mãe tinham ido à cidade fazer várias compras, estavam as duas a fazer meia, quando bateram à porta.

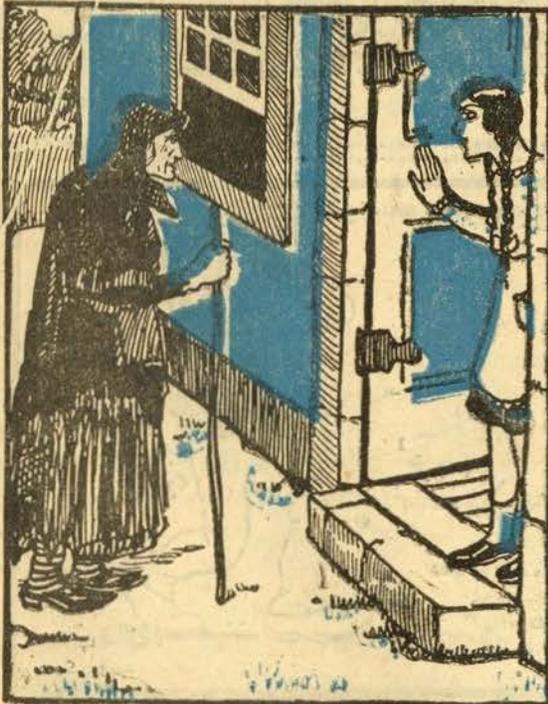
Violeta foi ver quem era, abriu a porta e viu uma pòbresinha com a roupa toda esfarrapada. Violeta olhou-a cheia de dó e perguntou-lhe: — «Que deseja irmãsinha?»

— «Ai, minha bõa menina, desde ontem que não como nada, mas de cansada que estou, nem sinto a fome. Se a menina me deixasse descançar um pouquinho, era uma esmola tão grande que fazia que só Deus a saberia recomensar!» suplicou a pòbresinha a tremer de frio e cansaço.

Violeta condeou-se tanto dela, que a mandou entrar e disse-lhe: «Sente-se irmãsinha, que eu agora lhe dou um

para a vèlhinha, indicando-lhe a porta, disse: — «sáia já sua pedinte, e não me apareça mais nesta casa, ouviu?»

Mas, Violeta, com muito dó da pòbresinha, abraçou-se à irmã pedindo-lhe muito que deixasse ficar a pobre men-



caldo bem quente...» Mas, Angela, que se tinha conservado calada, ao ver a mendiga entrar e sentar-se, disse: — «Violeta, eu não quero abusos, e quando a mãe não está em casa, sou eu que mando aqui, ouviu?» e, voltando-se



diga, que não fosse má, e tanto instou com ela, que Angela disse: — «Pois bem, dá-lhe um caldo e manda-a logo embora; não quero que, quando os pais voltem, vejam essa pedinchona cá em casa, dizendo isto, olhou a pobre mendiga com desprezo e foi para o seu quarto fazer meia.

Violeta muito contente por a irmã ter deixado ficar a pobre vèlhinha, foi logo fazer-lhe umas sopas, enquanto ia desculpando a irmã:

— «Angela, no fundo não é má», dizia Violeta. «Tem um génio um pouco arrebatado, zanga-se a miúde, mas depois passa-lhe... Desculpe-a, sim?»

— «Sim, minha boa menina, desculpo-a porque o génio arrebatado que tem há-de passar-lhe, e ficará tão boa como a menina.

— «Oh! se isso sucedesse, que contentes ficaríamos os meus pais, que têm tanta pena dela ser tão rabugenta.

— Pois se ela quizer ouvir um conto, que eu sei, tornar-se-há tão boa como a menina, respondeu a vèlhinha com um sorriso enigmático a franzir-lhe os lábios descórados.

Violeta, muito contente, foi chamar a irmã, e tanto lhe pediu que viesse ouvir o conto, que Angela acedeu.

Depois de as duas irmãs se sentarem ao pé da velhinha, esta começou a contar...

Vivia, numa Aldeia, um sapateiro que tinha uma filha chamada Suzel que era muito boa e muito trabalhadeira.

Na casa defronte morava um negociante de tapeçarias, mas que andava, frequentemente, pelo estrangeiro. Tinha também uma filha que se chamava Marciana e que era o contrário de Suzel; pois era má e não gostava de trabalhar nem de dar esmolas aos pobres. Um dia estava Marciana a brincar com um gatinho, quando bateram à porta. Marciana foi ver quem era e, abrindo a porta, viu um velhinho, que lhe pediu esmola.

— «Você não tem vergonha de andar a pedir? Vá trabalhar e não venha outra vez bater a esta porta, senão mando-lhe dar pauladas pelo meu criado», disse Marciana, muito zangada e fechando a porta.

O velhinho foi então bater à porta do sapateiro. Suzel veio abrir a porta e o velhinho pediu-lhe esmola. Suzel foi à cosinha buscar um bocado de pão que era o que tinha para a ceia e deu ao velho, dizendo:—«não lhe posso dar mais do que esse bocadinho de pão, pois somos também muito pobres».

O velhinho agradeceu muito e disse-lhe:— «Visto a menina ser tão boa, vou recompensá-la. E, batendo com a varinha que levava, no chão, apareceu um grande sacco cheio de moedas de ouro, e o velho entregando-o a Suzel, foi-se embora. Esta ficou muito admirada ao ver tanto dinheiro. Ficou com êle e, em seguida, foi chamar o pai e contar-lhe o que tinha acontecido. O pai ficou também muito contente e foi logo comprar cabedal para acabar o calçado dos freguezes; mandou concertar o soalho e o tecto da casa que já estavam muito estragados. Depois mobilou-a, enfim, substituiu o velho pelo novo, e só concertava o calçado dos pobres, não lhes recebendo dinheiro algum. Suzel continuava a fazer cada vez mais bem aos pobres. Entretanto, Marciana muito intrigada com a transformação na casa do sapateirinho, como ela dizia, chamou Suzel e perguntou-lhe donde lhe tinha vindo tanto dinheiro. Suzel, então, contou-lhe tudo quanto lhe tinha acontecido.

Marciana ao saber que tinha sido aquêle velho que lhe tinha ido pedir esmola, que dera tanto dinheiro a Su-

que o oferecimento generoso que Marciana lhe fazia, era para êle lhe dar dinheiro, como tinha dado a Suzel, e disse-lhe:—«Marciana, se eu quizesse castigava-te por tu seres tão má mas, se queres que te perdôe, daqui em diante, sê



boa para os pobres e para os que têm menos do que tu. Nunca negues a tua protecção a quem a possas dar.

Marciana, envergonhada, baixou a cabeça e foi para casa. Daí em diante, tornou-se tão boa que toda a gente na Aldeia dizia:—«A menina Marciana nem parece a mesma, tornou-se um anjo como a menina Suzel. Que boas que são!»

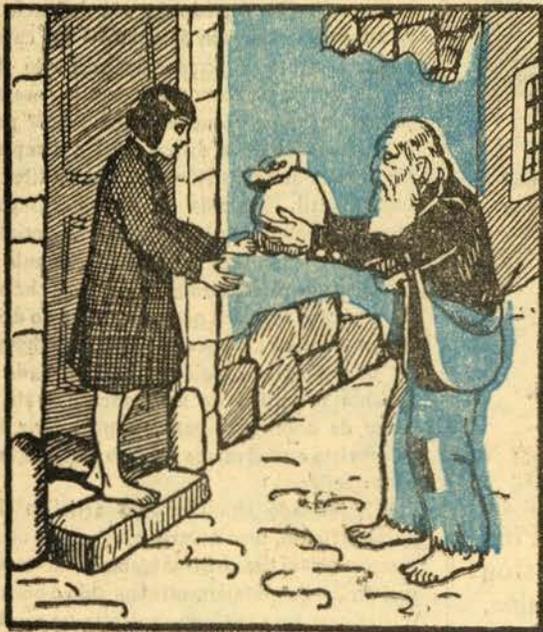
Angela e Violeta tinham escutado a velhinha com muita atenção e quando ela acabou o conto, Angela disse:

— «Também eu me vou tornar muito boa; bem sei que sou má, mas vou emendar-me», e voltando-se para a velhinha acrescentou:— «vou começar por expiar as minhas faltas, pedindo-lhe que fique connosco.» Mas a velhinha, então, atirou fóra com a roupa esfarrapada que tinha, e Angela e Violeta viram, diante de si, uma linda Fada, com um vestido bordado a ouro, que disse:

—«Não se esqueçam do conto que lhes contei, e sejam sempre boas.»

E a Fada desapareceu.

Vila Real de Santo Antonio, 18 de Março de 1926.



zel, foi logo à procura dêle, e, encontrando-o na estrada, disse-lhe:—«Para onde vai já quasi noite, avôsinho, correndo o perigo de se perder? Venha comigo para a minha casa. Mas o velho, que era Nosso Senhor, adivinhou logo

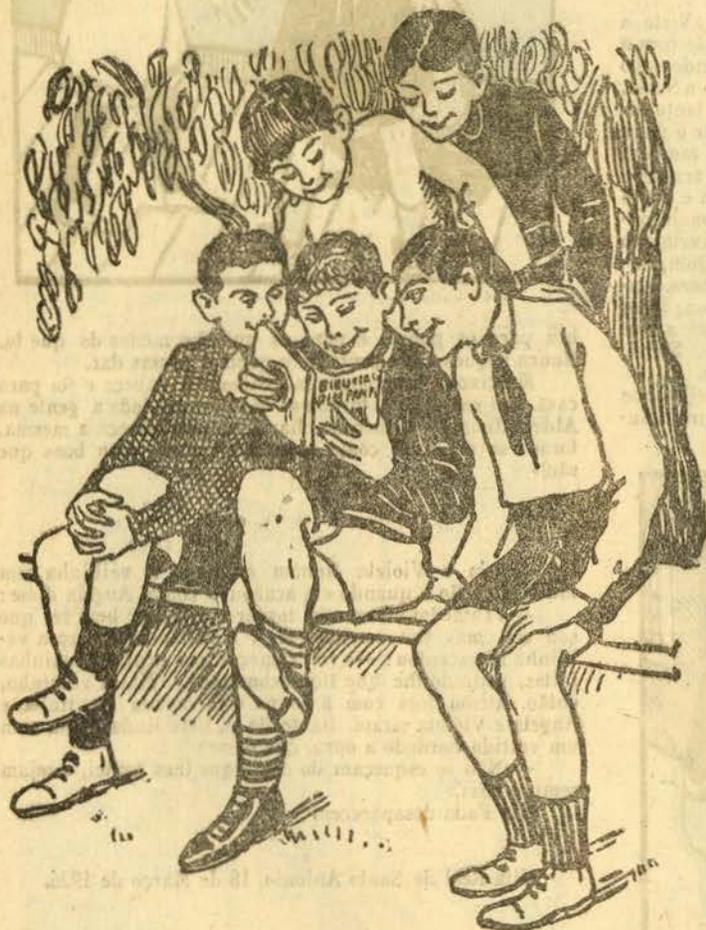


Concursos do PIM-PAM-PUM!

Devido à enorme aglomeração de provas literárias e artísticas que afluíram aos 3 concursos abertos pelo «Pim-Pam-Pum!» e a fim de que possam ser, conscienciosamente, examinadas, uma por uma, todas as composições recebidas, só no próximo número poderemos publicar as deliberações do júri que, para tal fim, já deu início aos seus trabalhos.

Desculpem-nos, pois, os nossos presados concorrentes a demora de mais uma semana, que só redundará em benefício daquêles que mais direito tiverem às primeiras classificações.

BIBLIOTECA «PIM-PAM-PUM!»



— Eh, rapazinhos! . . . Venham vêr a Barraca de Fantoches que é o 1.º volume da Biblioteca «Pim-Pam-Pum!» que já se encontra à venda e me custou apenas 4 escudos, porque sou assinante do «Século». Para vocês, se não são, custa-lhes apênas 5.

— E como se faz para mandar vir um exemplar?!

— Basta escrever à administração do «Século», R. do Século, 45, 1.º, Lisboa, pondo o dinheiro dentro do envelope.

BIBLIOGRAFIA

Mariassinha em Africa

por FERNANDA DE CASTRO
ilustrações de SARAH AFFONSO
Edição da Empresa Literária Fluminense : : : : : :

Mariassinha em África é o título do mais recente livro da poetisa Fernanda de Castro que ultimamente tem posto o melhor da sua rica emoção e do seu belo talento em prole da cultura e educação infantis.

Rememorando com um raro poder evocativo um sugestivo período da sua Infância a co-autora da «Varinha de Condão» em cujas páginas, a par do excepcional espírito de Tereza Leitão de Barros, nos dera já sobejas provas dos fartos recursos de que dispõe para a realização d'este difícil fácil e complexo simples que constitúe o escolho da literatura infantil, Fernanda de Castro consegue absolutamente avassalar o espírito das crianças, absorvendo-lhes toda a atenção ante o fantasmagórico desenrolar de imagens cheias de pitoresco infantil, que se sucedem ao crescer as mil e uma peripécias maravilhosas de uma viagem a regiões africanas, onde o instinto primitivo de uma raça selvática serve de admiravel pretexto para ferir de imprevisito o asselvajado instinto dos pequeninos leitores.

O requintado temperamento artístico de Sarah Affonso, uma notavel pintora que uma compreensível timidez traz ignorada do «meio bisbórria» que infelizmente tem sidó o nosso, ilustra com uma ingénua e infinita graça este livro encantador, que temos o prazer de recomendar aos pequeninos para quem o nosso jornal é feito e para quem este livro é foi, exclusivamente, escrito.

A. de S. R.

HORA DO RECREIO

OS FERREIROS



ros ficam ligados às varas A e B, nos sítios que as letras indicam, (C com C, D com D, E com E e F com F).

Para fazer mover puxa-se por um outro lado, para fóra e para dentro, o que fará com que os ferreiros batam na bigorna um a seguir ao outro.

Muito gostava de saber o resultado que todos teem tido com as ultimas engenhocas.

Segundo alguns sobrinhos o resultado tem sido o melhor possível, principalmente do automovel.

Meus caros sobrinhos:
Tenho hoje o prazer de lhes apresentar os senhores «Ferreiros que batem o ferro.»

Muito fáceis de fazer e muito engraçados depois de feitos.

MATERIAIS

— Madeira fininha ou papelão forte.

— Tintas para pintar.

— Prégos (ou ataches se fôrem feitos de papelão).

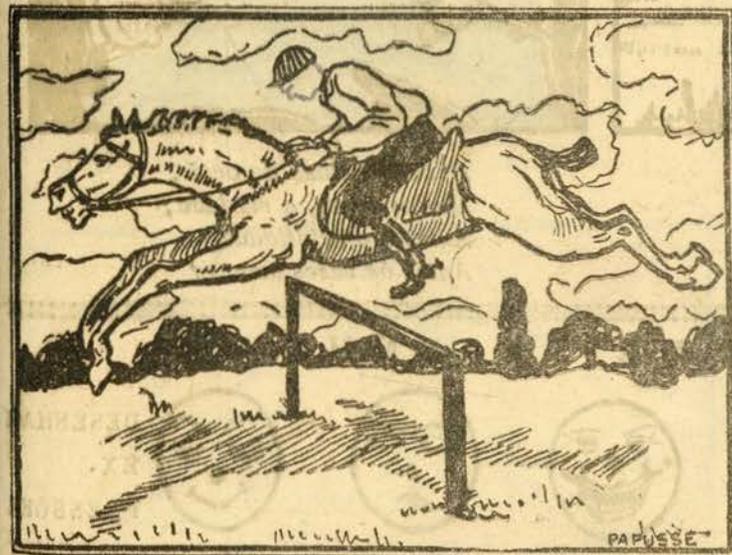
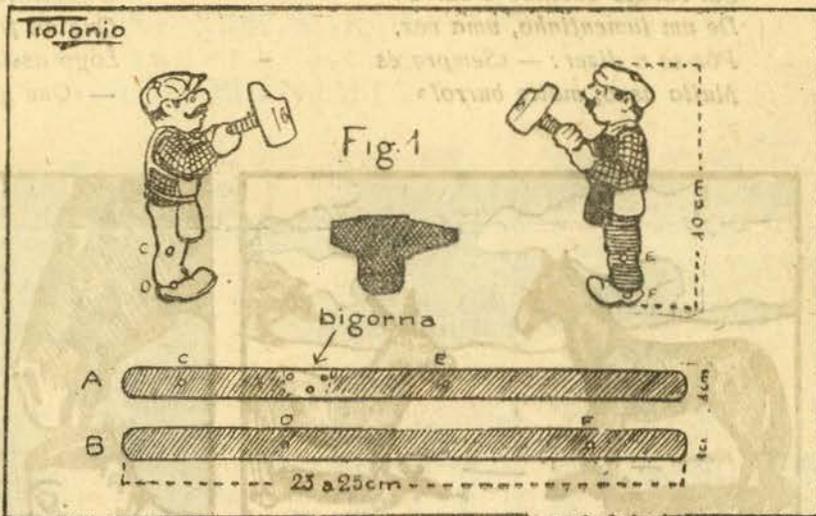
Como ferramenta basta um canivete...

MANEIRA DE CONSTRUIR

Primeiramente constrõem-se todas as peças indicadas na fig. 1.

Liga-se a bigorna no sítio indicado na peça A que deve ter, como veem, 23 a 25 cm. pouco mais ou menos.

Os buracos das pernas dos ferrei-



ADIVINHA

Rei do Mundo. Sem alarde,
Enverga um manto doirado,
Durante o dia; e à tarde
Um outro todo encarnado?

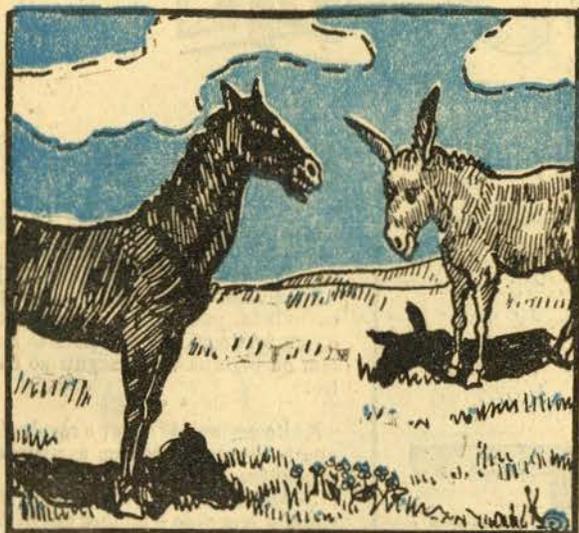
Decifração das anteriores.

- 1 — Pinheiro.
- 2 — Sêlo.

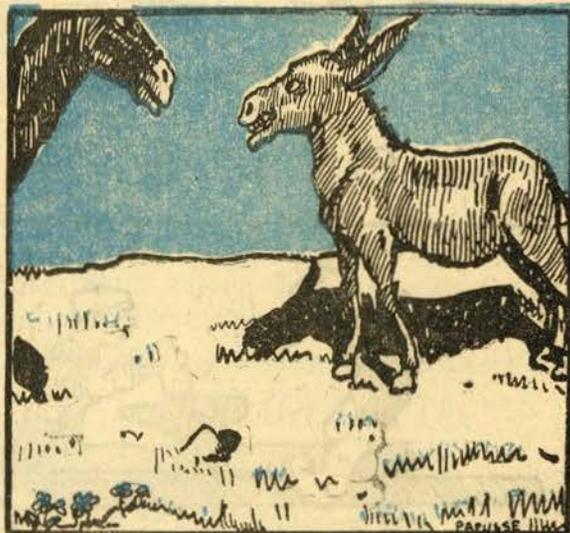
Onde levará este cavaleiro a cabeça, para assim levar o cavalo tão desenfreado?

Vejam os meninos se descobrem.

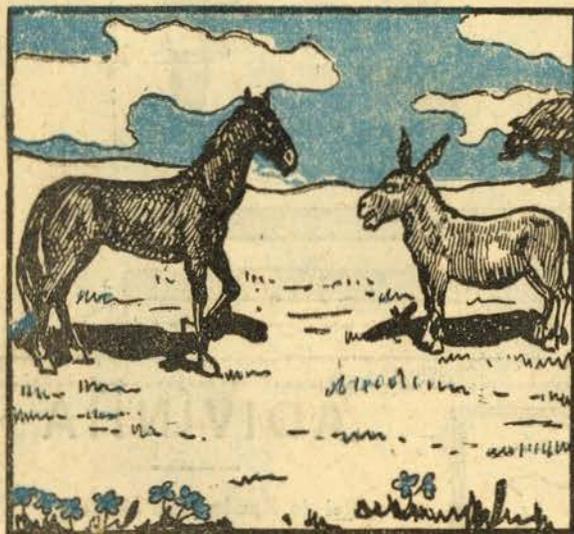
O CAVALO e o BURRO



Um cavalo ouvindo o zurro
De um jumentinho, uma vez,
Pôz-se a dizer: — «Sempre és
Muito asno, muito burro!»



O jumento, nesta altura,
Que da frase não gostou,
Logo assim lhe ripostou:
— «Que grande cavalgadura!»



Do que um ao outro disseram,
Apesar de muito mal,
Não disseram, afinal,
Senão aquilo que eram.



E' bem custosa de ouvir,
Muitas vezes, a verdade;
Antes a amabilidade,
Antes às vezes mentir!

LIÇÃO DE DESENHO

MANEIRA
FÁCIL
DE



Sentimental



Maus fígados



Riso alvar



Inveja



Falsa modéstia

DESENHAR
EX-
PRESSÕES